

A influência da Língua de Sinais Francesa (LSF) na Língua de Sinais Brasileira (Libras): Estudo Baseado em Metalexigrafia Comparativa

L'influence de la Langue des Signes Française (LSF) en la Langue des Signes Brésilienne (Libras): L'étude sur la Base de la Métalexicographie Comparative

Janice Gonçalves Temoteo Marques¹

Universidade Estadual de Campinas

Antonielle Cantarelli²

Universidade de São Paulo

Resumo: A Língua de Sinais Brasileira (Libras) tem suas raízes na Língua de Sinais Francesa (LSF), como relatado nos documentos históricos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines) e em estudos sobre o registro da Libras desde o século XIX. A presente pesquisa consiste em identificar a influência da LSF no léxico da Libras por meio de análise comparativa entre sinais da Libras e LSF, com base nos parâmetros formativos de um sinal (STOKOE, 1960, BATTISON, 1974; BELLUGI, KLIMA, 1972). Para isso foram selecionados 524 sinais do manual *Comunicando com mãos* (PETERSON, 1987) e por meio de metalexigrafia contrastiva as entradas desta obra foram comparadas com as equivalentes em dois dicionários *online* da LSF, *Sématos* e *LSF Pisourd Dictionnaire*. A análise comparativa dos sinais foi feita por inspeção visual rigorosa observando as regularidades (sinais idênticos) e os sinais diferentes. Os resultados sugerem que os sinais da LSF e da Libras diferem significativamente. Das 524 entradas da obra de Peterson, 443 foram encontradas em pelo menos um dos dicionários de LSF. Destas 443 entradas 14% (61 sinais) da obra de Peterson são iguais em todos os parâmetros fonológicos em pelo menos um dicionário de LSF, e 2% (11 sinais) são iguais em ambos os dicionários de LSF em todos os parâmetros fonológicos. Para compreensão dos fatores que causaram mudanças no léxico desses sinais, se faz necessário análises descritivas dos fenômenos fonético-fonológicos desses sinais aliadas a um estudo histórico que compreenda a razão das mudanças lexicais ao longo do tempo.

Palavras-chave: Língua de Sinais Brasileira; Libras; Língua de Sinais Francesa; Léxico; Metalexigrafia.

Abstract: The Brazilian Sign Language (Libras) has its roots in the French Sign Language (LSF), as reported in the historical documents of the National Institute of Deaf Education (Ines) and in studies on the registration of Libras since the 19th century. The present research consists of identifying the influence of LSF on Libras lexicon through a comparative analysis between Libras and LSF signs, based on the formative parameters of a sign (STOKOE, 1960, BATTISON, 1974; BELLUGI, KLIMA, 1972). For this, 524 signs were selected from the manual *Communicating with hands* (PETERSON, 1987) and by means of contrasting metalexigraphy the entries in this work were compared with the equivalents in two LSF online dictionaries, *Sématos* and *LSF Pisourd Dictionnaire*. The comparative analysis of the signs was made by rigorous visual inspection observing the regularities (identical signs) and the different signs. The results suggest that the signs of LSF and Libras differ significantly. Out of the 524 entries in Peterson's work,

¹ Docente da Unicamp. Email: janicetemoteo@gmail.com

² Doutora na USP. Email: an.cantarellim@gmail.com

443 were found in at least one of the LSF dictionaries. Of these 443 entries, 14% (61 signs) of Peterson's work are equal in all phonological parameters in at least one LSF dictionary, and 2% (11 signs) are the same in both LSF dictionaries in all phonological parameters. To understand the factors that caused changes in the lexicon of these signs, descriptive analyzes of the phonetic-phonological phenomena of those signs are necessary, together with a historical study that analyzes the reason for the lexical changes over time.

Key-words: Brazilian Sign Language; Libras; French Sign Language; Lexicon; Metalexigraphy.

Résumé: La langue de signes brésilienne (Libras) a ses racines dans la Langue de Signes Française (LSF) comme signalé dans les documents historiques dans l'Institut National de sourds (Ines) et dans les études sur l'enregistrement de Libras depuis le XXI^e siècle. Cette recherche consiste à identifier l'influence de LSF dans la Libras au moyen de l'analyse comparative entre les langues basée dans les paramètres formatives d'un signe (STOKOE, 1960, BATTISON, 1974; BELLUGI, KLIMA, 1972). Pour cela, il a été sélectionné 524 signes du manuel *Comunicando com as mãos* (PETERSON, 1987) et au moyen de la métalexigraphie contrastive, les entrées de l'oeuvre de Peterson ont été comparées avec les équivalents dans deux dictionnaires en ligne de la LSF, Sématos et Pisourd. L'analyse comparative de ces signes a été faite par inspection visuelle rigoureuse en observant les régularités signes (identiques), et différentes. Les résultats suggèrent que les signes de la LSF et de la Libras diffèrent significativement. Des 524 entrées de l'oeuvre de Peterson, 443 ont été trouvées au moyen de l'un des dictionnaires de la LSF. Ces entrées (61 signaux) de l'oeuvre de Peterson sont égales dans tous les paramètres phonologiques selon un dictionnaire de la LSF, et 2% (11 signes) sont égaux selon les deux dictionnaires et tous les paramètres. Pour la compréhension des facteurs qui ont provoqué des changements dans le lexique de ces signes il est nécessaire de faire des analyses des phénomènes phonétique-phonologiques alliés et étude historique pour comprendre la raison des changements lexicaux au long du temps.

Mots-Clés: Langue de signes brésilienne; Libras; Langue des Signes Française; Lexique; Métalexigraphie.

Submetido em 20 de agosto de 2020.

Aprovado em 15 de dezembro de 2020.

Introdução

A Língua de Sinais Francesa (LSF) foi uma das primeiras línguas a ser registrada no mundo como datam os registros de Charles-Michel de l'Épée (1776). O clérigo l'Épée foi o primeiro a reconhecer nos surdos a capacidade de se comunicar por língua de sinais e usou disso para criar o sistema chamado *sinais metódicos* com o objetivo de usá-lo no ensino de surdos. Os *sinais metódicos de l'Épée* consistiam na instrução por meio do uso da língua de sinais francesa, que à época se falava pelas ruas de Paris, juntamente com o uso do alfabeto manual e da gramática da língua francesa. A partir dos *sinais metódicos*, os alunos surdos de l'Épée conseguiam ser alfabetizados na língua francesa escrita porque ele desenvolveu seu método educacional apoiado na língua de sinais.

O método de l'Épée influenciou muitos surdos na Europa e nos Estados Unidos, surdos estes que foram atuantes na sociedade daquele tempo. Sua proposta era de que os educadores de surdos deveriam aprender língua de sinais com os surdos para que a

comunicação acontecesse (MOORES, 2011). L'Épée foi o fundador da primeira escola pública para surdos no mundo a usar a língua de sinais, o *Institution Nationale des Sourds-Muets à Paris*, atual *Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris*. Seu método, *sinais metódicos*, foi adotado não só pelo Instituto como, também, internacionalmente, vindo a ser reconhecido como o caminho correto para a educação de surdos (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2005; MOORES, 2001, SOFIATO, 2011).

Conforme Martins (2017), a primeira tentativa de registrar e descrever de alguma forma uma língua de sinais aconteceu também na França, em 1817, com Roche Ambroise Bébien. Segundo a autora, Bébien acreditava que a única maneira de salvar os sinais da degeneração seria criar uma técnica para registrar esses sinais. Para Bébien, “a chave para registrar os sinais era decompô-los em suas unidades gestuais elementares” (BÉBIAN, 1825).

Em 1825, Bébien publica *Mimographie*³, ou *Essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sords-muets* (BÉBIAN, 1825). Oviedo (2009), ao falar sobre a obra, mostra que ele identifica os parâmetros da Língua de Sinais Francesa (LSF), a saber, movimento, configuração de mão, orientação da palma, localização e expressão facial, e os níveis de cada parâmetro. Martins (2017) destaca que tais descobertas aconteceram a surpreendentes 140 anos antes da publicação de Stokoe (1965), linguista americano que identificou os parâmetros que compõem um sinal, na Língua de Sinais Americana - ASL⁴. Portanto, Bébien foi pioneiro em taxonomia de sinais, e sua taxonomia tomava as unidades da língua de sinais sem referência às unidades da língua falada.

Tanto os *sinais metódicos de l'Épée* (1776) quanto a *Mimographie* de Bébien (1825) levaram em consideração a importância da Língua de Sinais Francesa - LSF⁵ para a comunidade surda, obras pioneiras pela valorização da língua de sinais, o que faz delas referências. Não é à toa que o período em que o foi fundado o *Institution Nationale des Sourds-Muets à Paris*⁶ por *l'Épée* ficou conhecido como “época de ouro para os surdos”. O método dos *sinais metódicos de l'Épée* (1776) aponta para as primeiras tentativas de educar um surdo e a *Mimographie* de Bébien (1825) reporta-se para um dos primeiros

³ Tradução nossa: Mimografia ou Ensaio de escrita adequada para regularizar a linguagem dos surdos-mudos.

⁴ American Sign Language – ASL.

⁵ Langue des Signes Française – LSF.

⁶ Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris, atual Institut National de Jeunes sourds de Paris – INJS.

registros lexicográficos de língua de sinais no mundo, sendo o pioneiro a identificar parâmetros LSF.

Essas obras trouxeram um olhar contrário ao contexto de educação oralista predominante à época (paralelamente, o oralismo de Samuel Heinicke ganhava força na Alemanha com seu ápice com Congresso de Milão de 1880), tanto é que o método de *l'Épée* (1776) chamou a atenção de estudiosos, professores, educadores e religiosos que se dedicavam ao trabalho com surdos da Europa e dos Estados Unidos, como retratado na história da educação dos surdos no mundo (LANE, 1989).

A influência da Língua de Sinais Francesa no Brasil é apontada também em vários trabalhos (Diniz, 2010, Gama, 1875; Rocha, 2008; Campello, 2011; Sofiato, 2011, 2012, 2018; Temoteo, 2012; Martins, 2017.). Os registros históricos sobre a educação de surdos no Brasil apontam que desde a vinda do surdo francês E. Huet para fundar a primeira escola para surdos do país, em 1857, a influência da LSF esteve presente na constituição da Língua de Sinais Brasileira - Libras.

Para compreendermos mais sobre estas questões e respondermos à pergunta de pesquisa a qual nos propomos nesse trabalho: Existe influência da LSF na Libras usada por surdos brasileiros? Traçamos a seguir um breve apanhado sobre as raízes históricas da Libras e, em seguida, delineamos os caminhos metodológicos para chegarmos aos resultados apresentados.

1. Raízes históricas da Língua de Sinais Brasileira (Libras): De Pierre Pélissier a Flausino Gama

A educação de surdos na França bem como a própria LSF influenciaram fortemente a história da educação de surdos no Brasil e, nos seus primórdios, o léxico da Libras. As semelhanças entre o alfabeto manual da LSF e da Libras são evidentes, pois as letras do alfabeto manual, em sua grande maioria, ainda hoje são sinalizadas da mesma forma. Historicamente essa influência é apontada com a vinda do surdo francês E. Huet ao Brasil para fundar a primeira escola para surdos do país, em 1857, o atual *Instituto Nacional de Educação de Surdos* (Ines), data de suma importância para a comunidade surda brasileira por ser considerada um marco também da existência da Libras, conforma cita Diniz (2010, p.23):

Podemos dizer que atualmente a Libras tem no mínimo cento e cinquenta anos, a partir da existência da comunidade surda no INES desde a sua

fundação em 1857. Por não encontrar registros históricos sobre a Libras no século dezanove, podemos supor que havia o uso de língua de sinais mesmo antes dessa época, tendo evoluído em sua estrutura linguística a partir daí. E somente depois de duas décadas surgiu o primeiro registro em papel na forma de dicionário, a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* em 1875.

No Brasil, o primeiro registro da Libras é datado de 1875, intitulado de *A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. Trata-se de um manual de sinais ilustrado de autoria do surdo Flausino José da Costa Gama, aluno do INES, que se baseou da obra do surdo francês Pierre Pélissier para fazer o primeiro manual da língua de sinais usada no Brasil que se tem notícia (Sofiato, 2011). O fato é que a obra tem relevância inquestionável, por ser obra pioneira feita por um surdo.

Pierre Pélissier, um dos primeiros ilustradores da França, estudou em uma instituição em Toulouse e foi educado por Abade Chazottes. Foi professor do *Colégio Saint-Jacques* e também do *Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris*. Sua obra, *L'Enseignement Primaire des Sourds Muets a La Portée de Tout Le Monde Avec Une Iconographie des Signes* (1856)⁷ cataloga 382 sinais, além de numerais e de datilologia (alfabeto manual e os numerais de zero a nove usados pelos surdos), e é composta por 21 pranchas onde os sinais são catalogados por ordem semântica. Pélissier ilustrava os sinais por meio de desenhos que usavam outros recursos visuais para representar o movimento, tais como setas, ziguezagues, linhas e curvas e também demarcava bastante o rosto do modelo, enfatizando a importância da expressão facial para a comunicação em língua de sinais (Sofiato, 2011).

Sofiato (2011), compara a obra de Pélissier (1856), com a *Iconographia* de Gama (1875) e concluiu que nas estampas produzidas por Flausino e as pranchas desenhadas por Pélissier, o conteúdo é praticamente o mesmo (Sofiato, 2011, p.135), para a autora, por ter se apropriado das mesmas escolhas de Pélissier, “Flausino acaba se baseando na língua francesa de sinais para nos propor uma iconografia e uma língua, ou seja, ele redesenha a própria língua francesa de sinais e denomina-a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*” (Sofiato, 2011, p.135).

Assim, diante dos dados apresentados pelos autores, é inquestionável a influência da LSF nas raízes da Libras. É válido destacar que a fundação do INES no Brasil foi importante para a standardização da língua de sinais nacional. Mesmo que não haja oficialmente registros da língua de sinais usada pelos surdos brasileiros antes do INES, podemos

⁷ Tradução nossa: O ensino primário dos surdos-mudos ao alcance de todos com uma iconografia dos sinais.

deduzir que elas estavam presentes nas comunidades de surdos no país, conforme afirma Zeshan (2013), as línguas de sinais surgem sempre que surdos se reúnem em número suficiente para formar uma comunidade linguística. Sobre a influência da LSF na Libras, Diniz (2010, p.23), ao falar sobre a história da evolução da língua, afirma que:

...sobre a presença da *Iconographia* no INES, presumimos que é possível que houvesse interferência da LSF na Libras, misturando alguns sinais na comunicação das pessoas surdas deste instituto. Segue-se a suposição geral de que alguns alunos desde instituto utilizavam alguns sinais da LSF na comunicação com outros colegas e professores, inclusive o Huet, de acordo com a necessidade de produzir seus discursos junto com outros sinais já existentes no INES.

Diniz (2010) então considera a possibilidade de haver uma sinalização anterior a chegada de Huet e da LSF. Por outro lado, em sua pesquisa sobre a constituição da Língua de Sinais Brasileira do século XVIII ao século XXI, a opinião de Campello (2011) difere um pouco quando diz que não se pode afirmar a pré-existência de Libras anterior: “a base da Língua de Sinais Brasileira foi a Língua de Sinais Francesa, antes disso não se pode afirmar a pré-existência de Libras nos territórios brasileiros devido à ausência de registro dessa língua que é viso-espacial”. (Campello, 2011, p.12). Posterior a obra de Gama (1875), Campello (2011, p.12) diz que a “influência da LSF – Língua de Sinais Francesa no território brasileiro é confirmada por meio de obras didáticas para surdos, publicadas aqui no Brasil”, ela cita a publicação de Bacellar (1926) que traz a indicação de outros materiais traduzidos do francês sobre lições e métodos de ensino para surdos.

Sobre esta questão, Sofiato (2011) se apresenta de uma forma mais conservadora e afirma que ainda há muito o que descobrir sobre a origem da Libras: “Percorremos o rastro de Flausino da Gama para buscar a origem da língua brasileira de sinais. O estudo realizado revela quanto ainda temos para desvendar a respeito da história da educação dos surdos no Brasil, especificamente no período Imperial” (Sofiato, 2011, p.137).

Anterior a pesquisa apresentada nesse artigo, citamos brevemente os trabalhos das pesquisadoras Campello (2011) e Diniz (2012), que buscaram de alguma forma fazer uma comparação entre a Língua de Sinais Francesa (LSF) e a Língua de Sinais Brasileira (Libras), com procedimentos metodológicos semelhantes a pesquisa original apresentada aqui.

A pesquisa de Campello (2011), seguindo a cronologia de publicação das obras, a fim de identificar mudanças diacrônicas, comparou cinco sinais da Libras com cinco sinais da LSF em quatro manuais impressos: LSF (Pélissier, 1857), Libras (Gama, 1875),

Libras (Oates, 1969), Libras (Capovilla & Raphael, 2001). Os cinco sinais comparados foram:

1. Burro – Em que houve mudança na posição da mão (De Flausino, 1875 a Oates, 1969) e o movimento de frequência foi mantido. Em que, segundo a autora, acontece um processo de apagamento (omissão). (Em Flausino, Capovilla & Raphael, o sinal é registrado com as duas mãos, no entanto, Oates registra o sinal apenas com uma mão.)

2. Vaca – De duas configurações de mãos passou-se a usar apenas uma (De Flausino, 1875 a Oates, 1969); e o movimento foi alterado para os lados opostos, para semicircular. Em que, segundo a autora, acontece um processo de assimilação. (O sinal VACA em Pélissier e Flausino são exatamente iguais em que o sinal é articulado com as duas mãos fazendo referência ao chifre da vaca, já em Oates, Capovilla & Raphael, o sinal é feito apenas com uma mão e, em Capovilla & Raphael há ainda setas indicativa do movimento).

3. Porco – Configuração de mão e Locação permaneceram iguais. Em que, segundo a autora, acontece um processo de incorporação de movimento. (Pélissier e Flausino não indicaram movimento no sinal, já em Oates, Capovilla & Raphael, há indicação de movimento.)

4. Lebre (Coelho) – (CM e L permaneceram iguais. Houve → processo de incorporação de duplo movimento. (Pélissier e Flausino não indicaram movimento no sinal, já em Oates, Capovilla & Raphael, há indicação de movimento.)

5. Rato – Houve mudança na Configuração de mão e Locação. Em que o sinal foi modificado em nível fonético-fonológico.) (Em Pélissier e Flausino o sinal era articulado no nariz e a configuração de mão era mão aberta, já em Oates, Capovilla & Raphael o sinal era articulado na bochecha com mão fechada e indicador tocando-se pelas pontas.)

Percebemos que as mudanças apontadas nos sinais comparados pela autora Campello (2011, p. 22, 23) estão em sua maioria no nível fonético-fonológico como a inclusão do movimento ou ainda da sua repetição, ou como no sinal VACA, articulado com uma ou duas mãos. Observamos essas alterações podem estar relacionadas a decisões lexicográficas e não a variação do léxico em si.

Diniz (2012) realizou pesquisa documental e comparou algumas formas de sinais da *Iconographia dos Sinaes dos Surdos-Mudos* com um dicionário *online* de LSF⁸, com

⁸ Disponível no endereço eletrônico www.lsf dico-inj smetz.fr

um dicionário de ASL⁹, e com o Dicionário Digital da Libras do INES¹⁰. Em sua pesquisa, as formas analisadas foram classificadas em duas categorias: sinais idênticos e sinais em mudança fonológica e lexical. A autora ressalta que foram encontrados sinais com uma glosa X em um dicionário e uma glosa Y em outro dicionário para o mesmo sinal e, em outros casos, sinais diferentes aparecem registrados com a mesma glosa, demonstrando que a glosagem foi feita de forma intuitiva o que dificulta a comparação dos três dicionários.

O estudo apresenta como exemplo a forma do sinal LIVRO, que sofreu mudança fonológica e a forma do sinal PÃO, que é idêntica a forma da LSF atual, mas é diferente na Libras usada hoje. A autora afirma a existência de alguns sinais na *Iconografia* idênticos à LSF e ASL atuais, porém que são diferentes na Libras usada hoje (século XXI) com base na análise feita no dicionário de Libras do INES. Portanto, esses sinais sofreram mudanças fonológicas e lexicais.

Ambas as pesquisas citadas contribuíram para uma melhor compreensão de como a Libras foi influenciada pela LSF. A presente pesquisa segue a mesma linha dos estudos citados, no sentido de que busca comparar línguas de sinais, no caso, Libras e LSF, observando as regularidades (sinais iguais ou idênticos) e os sinais com alguns dos parâmetros, ou seja, sinais em mudança fonológica como apontado por Diniz (2012).

Para uma melhor compreensão do fenômeno nas duas línguas pesquisadas expandimos o *corpus* de sinais de análise na Libras e LSF. Ao final do estudo, apresentamos as análises quantitativas dos sinais baseado em metalexigrafia comparativa. Não nos dedicamos à compreensão dos fenômenos que causaram tais mudanças na formação desses sinais, uma vez que, este seria objeto de estudo para estudos subsequentes ao que propomos nesse artigo.

2. Estudo preliminar baseado em metalexigrafia comparativa: descrição das etapas da pesquisa

Segundo Martins (2017) a Lexicografia é o registro das palavras, ao passo que a Metalexigrafia é o estudo do registro das palavras. O estudo metalexigráfico pode se dá tomando um determinado dicionário como fonte ou amostra do léxico. O presente estudo é de cunho metalexigráfico contrastivo, pois compara as entradas registradas em diferentes amostras de léxico presentes nas obras selecionadas.

⁹ Disponível no endereço eletrônico www.aslpro.com

¹⁰ Disponível em CD ou atualmente no endereço eletrônico: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>

A Metalexigrafia Comparada ou Contrastiva é o estudo de como se dá o registro das palavras em diferentes dicionários. Ainda segundo a autora, a Metalexigrafia pode estudar como o registro das palavras pode ser feito à luz dos diferentes modelos teóricos da Lexicologia. Reciprocamente, pode estudar como esses modelos teóricos podem afetar ou informar o modo como diferentes dicionários fazem o registro das palavras.

Para realizar o estudo foram selecionadas as seguintes obras de registro: da Libras, o manual impresso *Comunicando com as Mãos* (PETERSON, 1987, 574 sinais); e da LSF: o Dicionário *online* da LSF: *Sématos* (3.605 sinais) e o Dicionário *online* da LSF *Pisourd Dictionnaire* (1.866 sinais).

A escolha do manual de Libras *Comunicando com as Mãos* (PETERSON, 1987) se deu porque, por muitos anos, este manual foi usado em cursos de Libras e entre os surdos no Brasil e por conter um número razoável de sinais usados no cotidiano considerados introdutórios (“sinais básicos”) ao aprendizado de Libras (574 sinais), além de que, para sua época, foi um dos pioneiros a incluir as ilustrações. Capovilla, Raphael e Macedo (1998) resumem bem as características do manual de Peterson (1987):

Tal manual distingue-se dos demais em vários aspectos. Primeiramente, é o único a conter uma representação pictorial (i.e., ilustração) do referente (i.e., objeto) que cada sinal representa. (...) aparenta ser um manual de sinais básicos de sobrevivência para ser usado pelos próprios surdos com o propósito pragmático de comunicação imediata, bem como por professores de surdos para ensino de um vocabulário visual de palavras escritas e de sinais a crianças surdas. (Capovilla, Raphael, & Macedo, 1998, p. 11, 12).

O manual *Comunicando com as Mãos* de Peterson (1987), por ser usado também com fins evangelísticos (Temoteo, 2012), também contém sinais religiosos. Estes, assim como os sinais referentes a cidades ou estados brasileiros, não foram considerados nessa pesquisa. A Ilustração 1, mostra o exemplo de um dos sinais do manual, o sinal PESADO.

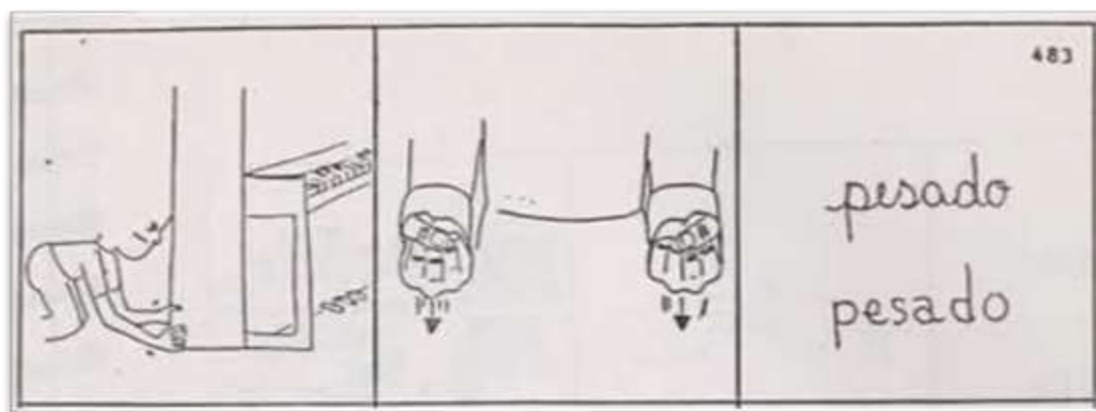


Ilustração 1. Sinal 483: PESADO (Fonte: Peterson, 1987, p. 127).

O primeiro dicionário *online* da LSF selecionado foi o *Sématos*¹¹ que está alojado em um portal que aloja dicionários de várias línguas de sinais europeias, incluindo a LSF, contém um léxico de 3.605 sinais registrados em vídeos que podem ser acessados no site. O usuário pode buscar o sinal de A a Z (com a possibilidade de fazer o download do vídeo do sinal) ou buscar digitando pela palavra em francês. Outra opção disponível no *Sématos* é fazer a pesquisa avançada de um sinal por categoria semântica, como mostra a Ilustração 2, categoria semântica *Famille*.



Ilustração 2. Fonte: Dicionário *Sématos da LSF*.
Pesquisa avançada de um sinal por categoria semântica (thèmes), *Famille*.

Ainda em pesquisa avançada de um sinal, o dicionário permite que os sinais também sejam encontrados pela configuração de mão dentro de uma categoria, como mostra a Ilustração 3, *Famille, bébé* (categoria Família, configuração de mão selecionada em B, sinal bebê).

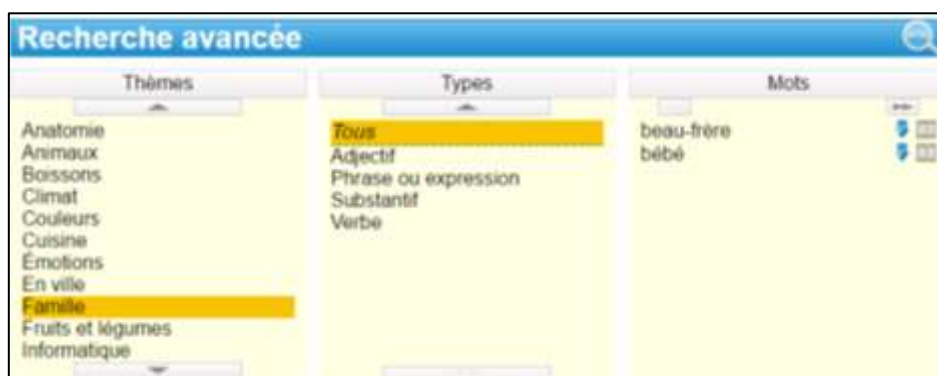


Ilustração 3. Fonte: Dicionário *Sématos da LSF*.
Famille, bébé (categoria Família, configuração de mão em B, sinal bebê).

¹¹ *Sématos, Le portail européennes langues de signes* (O portal europeu das línguas de sinais). Disponível no endereço eletrônico: <http://www.sematos.eu/lfsf.html>

Na busca dos sinais da Libras equivalentes na LSF, quando necessário, os recursos avançados foram usados na pesquisa.

O segundo dicionário da LSF selecionado foi o Dicionário *online* da *LSF Pisourd Dictionnaire*¹². O *LSF Pisourd Dictionnaire* conta com um léxico de 1.866 sinais registrados em vídeos que podem ser acessados no site ao clicar no item DICO COMPLET (*Dictionnaire Complet*¹³) em que o usuário pode buscar o sinal de A a Z ou digitando a palavra em francês correspondente ao sinal. É de fácil acesso e os vídeos são de boa qualidade, com o recurso para visualizar o sinal quantas vezes for necessário para obter clareza da sinalização. Além desses recursos há ainda dois complementos importantes para a compreensão do sinal, em uma janela ao lado do vídeo aparecem as opções indicativas das configurações de mão usadas no sinal e o sinal escrito em *SignWriting*¹⁴, como mostra a Ilustração 4 do sinal QUESTION.



Ilustração 4. Fonte: *LSF Pisourd Dictionnaire*.

A direita da sinalizadora indicação da escrita do sinal QUESTION em *Signwriting*.

O site *Pisourd* é direcionado para os surdos, familiares de surdos e profissionais ou interessados na área da surdez. Além de contar com o *LSF Pisourd Dictionnaire*, tem como objetivo também ser uma ferramenta de informação, prevenção e promoção da saúde por meio de informação em LSF transmitida de modo simples e acessível ao surdo.

Com os dicionários da LSF selecionados para compor a pesquisa, o primeiro passo da pesquisa foi elaborar uma lista de todos os sinais do manual de Peterson (1987) levando em consideração os critérios de exclusão: alfabeto, números, sinais religiosos, e sinais de lugares (cidades e estados brasileiros). Assim, dos 574 sinais presentes no manual, apenas

¹² Disponível no endereço eletrônico: <http://www.pisourd.ch/>

¹³ Dicionário completo.

¹⁴ Escrita de sinais criada por Valerie Sutton (1974).

524 foram selecionados para fazer parte da análise metalexigráfica contrastiva dos sinais da Libras com a LSF. Em seguida, os nomes de todos os sinais selecionados da Libras foram traduzidos para o francês, levando em consideração o contexto de uso do sinal selecionado na Libras, tendo como pista indicativa as ilustrações para cada sinal do manual.

A próxima etapa foi buscar os sinais correspondentes da Libras na LSF tanto do *Pisourd* como no *Sématos*. Todos os recursos disponíveis para a busca de um sinal disponíveis nos dicionários foram usados na análise metalexigráfica comparativa dos sinais. A análise inicial foi feita por meio de inspeção visual, com o intuito de apontar possíveis regularidades e diferenças nas entradas lexicais dos sinais. Os sinais foram considerados iguais (idênticos) apenas quando todos os parâmetros que o compõem fossem equivalentes nas duas línguas, a saber, quando a Configuração de Mão (CM), o Movimento (M), a Locação (L), a Orientação da Palma (OP) e as Expressões Não-Manuais (EMN) fossem iguais. No caso dos sinais compostos, isto é, quando um sinal é formado por dois ou mais sinais, estes só foram considerados iguais quando todas as partes do sinal eram iguais nas duas línguas.

3. Resultados da análise metalexigráfica dos sinais

Da análise metalexigráfica dos 524 sinais da Libras do manual de Peterson (1987), *Comunicando com as mãos*, com os sinais da LSF presentes nos dicionários online (*LSF Pisourd Dictionnaire* e *Sématos* da LSF), depreende-se que:

- Dos 524 sinais, 81 sinais (15%) não foram encontrados em nenhum dos dicionários da LSF; Partindo disso, nossa análise se concentrou nos 443 sinais (75%) de Peterson encontrados ou no *Pisourd*, ou no *Sematós*, ou ambos. Assim, para melhor compreensão dos dados, dividimos a análise comparando as obras separadamente e, ao final, apresentamos a amostra de sinais que são iguais nas três obras analisadas.

Analisando as obras separadamente, com relação a comparação de sinais entre Peterson e *Pisourd* temos:

- Dos 524 sinais do manual de Peterson, 230 sinais (44%) foram encontrados no *Pisourd*, portanto, 294 sinais (56%) não foram encontrados.

- Dos 230 sinais que foram encontrados no *Pisourd*, 26 sinais (11%) são exatamente iguais nas duas obras e 204 sinais (89%) eram diferentes dos sinais presentes no manual de Peterson.

Analisando as obras separadamente, com relação a comparação de sinais entre Peterson e *Sématos* temos:

- Dos 524 sinais do manual de Peterson, 428 sinais (81%) foram encontrados no Sématos, portanto, 96 sinais (19%) não foram encontrados.

- Dos 428 sinais que foram encontrados no Sématos 51 sinais (12%) são exatamente iguais nas duas obras e 377 sinais (88%) eram diferentes dos sinais presentes no manual de Peterson.

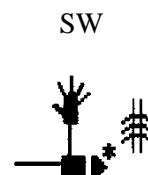
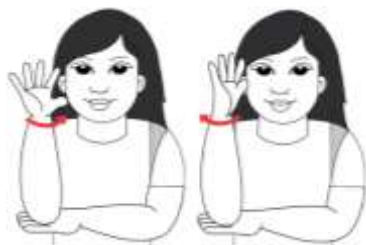
A Tabela 1 traz em números a análise comparativa entre as 443 entradas da obra de Peterson e os dicionários de LSF analisados, Pisourd e Sématos. Ao fazermos uma análise cruzada dos 443 sinais do manual de Peterson encontrados em pelo menos um dos dois dicionários da LSF, concluímos:

ANÁLISE COMPARATIVA	PISOURD	SÉMATOS	EM AMBOS	EM PELO MENOS UM DICIONÁRIO
Entradas encontradas	230 (44%)	428 (81%)		
Sinais Iguais	26 (11%)	51 (12%)	11	61
Sinais Diferentes	204 (89%)	377 (88%)		361

Tabela 1. Análise comparativa entre as 443 entradas da obra de Peterson e os dicionários de LSF analisados, Pisourd e Sématos.

A seguir, apresentamos os 11 sinais que encontrados iguais da Libras e nos dois dicionários da LSF e que foram ilustrados¹⁵ especificamente para essa pesquisa:

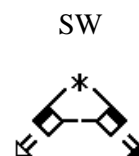
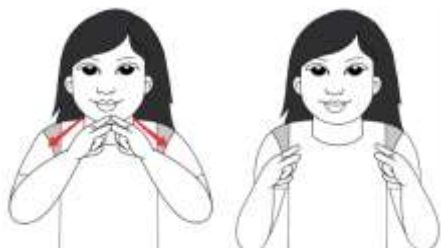
- **Sinal 1:** ÁRVORE (*arbre*)



¹⁵ Agradecemos a colaboração de Angela Nucci por fazer a ilustração dos sinais e a Walkiria Duarte Raphael por colocar as setas nos sinais.

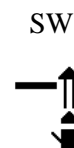
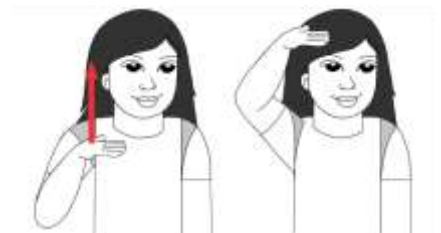
Descrição do sinal: (Braço esquerdo horizontal dobrado em frente ao corpo, mão aberta, palma para baixo, dedos separados e curvados; cotovelo direito apoiado no dorso da mão esquerda, mão direita aberta, palma para frente, dedos separados. Girar a palma direita para trás, duas vezes.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 279)

- **Sinal 2:** ACAMPAMENTO (*camping*)



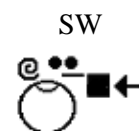
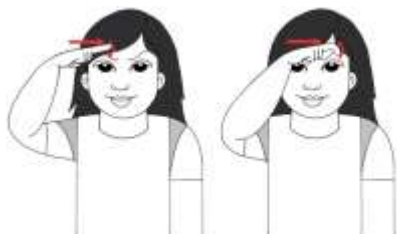
Descrição do sinal: (Mãos verticais fechadas, palma a palma, dedos indicadores e mínimos distendidos tocando-se pelas pontas. Mover as mãos diagonalmente para baixo e para lados opostos.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 76)

- **Sinal 3:** CRESCER (*grandir*)



Descrição do sinal: (Mão aberta, palma para baixo, ao lado da cintura. Elevar a mão até a altura do ombro.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 824)

- **Sinal 4:** DIFÍCIL (*difficile*)



Descrição do sinal: (Mão em 1, palma para baixo, lado do indicador tocando o lado direito da testa. Mover a mão para o lado esquerdo da testa, curvando e distendendo o indicador, com expressão facial contraída.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 964)

- **Sinal 5:** EM PÉ (*debout*)



SW



Descrição do sinal: (Mão esquerda aberta, palma para cima; mão direita em V, palma para trás, dedos para baixo, com pontas dos dedos tocando a palma esquerda.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 1061)

- **Sinal 6: LIVRO** (*livre*)



SW



Descrição do sinal: (Mãos horizontais abertas, palma a palma, tocando-se. Separar as mãos inclinando as palmas para cima, mantendo-as unidas pelas laterais dos dedos mínimos.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 1699)

- **Sinal 7: PENSAR** (*penser*)

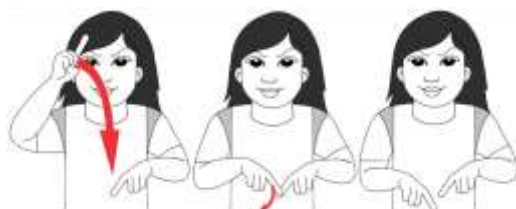


SW



Descrição do sinal: (Mão em 1, palma para a esquerda, ponta do indicador tocando o lado direito da testa.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2146)

- **Sinal 8: PROIBIR** (*interdire*)

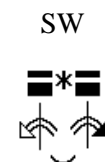
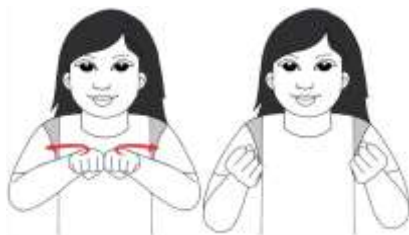


SW



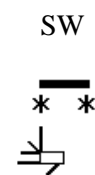
Descrição do sinal: (Mão esquerda em 1, palma para baixo; mão direita em 1, palma para trás, diante do ombro esquerdo. Mover a mão direita em direção à esquerda, tocar a ponta do indicador na ponta do indicador esquerdo, e virar a palma direita para baixo.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2314)

- **Sinal 9: QUEBRAR** (*casser*)



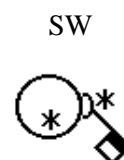
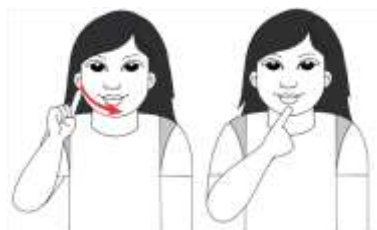
Descrição do sinal: (Mãos em S, palmas para baixo, tocando-se pelos indicadores. Afastar ligeiramente as mãos, virando-as palma a palma.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2364)

- **Sinal 10: SAÚDE** (*santé*)



Descrição do sinal: (Mão horizontal aberta, palma para trás, ponta do dedo médio tocando o lado direito do peito. Mover a mão para a esquerda, e tocar o lado esquerdo do peito.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2540)

- **Sinal 11: SURDO** (*sourd*)



Descrição do sinal: (Mão em 1, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador na orelha direita, virar a palma para trás, e tocar a ponta do indicador nos lábios.) (Conforme Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017, p. 2644)

Para melhor compreensão da formação fonológica dos sinais, optamos por inserir a escrita do sinal (*SignWriting*) ao lado da ilustração do sinal e, como complemento, incluímos a descrição da forma dos sinais, conforme padrão de descrição de sinal usada pelas autoras em obras anteriores (Capovilla, Raphael, Temoteo e Martins, 2017).

Dos 11 sinais iguais encontrados na análise consideramos sete desses como sinais icônicos: EM PÉ; ÁRVORE; LIVRO; ACAMPAMENTO; SURDO; CRESCER; PENSAR; QUEBRAR. Conforme sugere Martins (2017), a iconicidade de sinais na Libras está ligada a concepção que determinada comunidade de fala elabora sobre determinados referentes, o que perpassa pelo input visual e experiência corporal do sinalizante. Sinais icônicos, de

alguma forma, fazem referência a essa concepção, corporalmente compreendida, ao referente prototípico do seu significado, portanto, não podemos afirmar que esses sinais na Libras são de influência da LSF.

Considerações finais

A presente pesquisa analisou 524 sinais do manual de Libras *Comunicando com mãos* (Peterson, 1987) e comparou os mesmos verbetes com os sinais de dois dicionários online de LSF: *Sématos* (3.605 sinais) e *LSF Pisourd Dictionnaire* (1.866 sinais). Os resultados apontam que, apesar da Libras ter tido sua origem histórica na LSF, esta não possui grande influência nos sinais de uso comum da Libras usados pelos surdos brasileiros do século XX, considerando a publicação do Manual de Peterson (1987). Contudo, somente com pesquisas mais aprofundadas, feitas com um maior número de sinais e análises qualitativas, será possível chegar a resultados mais concretos.

A pesquisa até aqui é de cunho quantitativo, de mapeamento de similaridades e regularidades, e de mudanças e transformações no léxico das línguas envolvidas. A partir dos dados coletados, pretendemos fazer análises qualitativas por meio do estudo por campos semânticos, e/ou classe gramatical, e/ou do estudo da relação entre iconicidade/arbitrariedade dos sinais. Para isso, pretendemos comparar os sinais fazendo uma análise mais contemporânea, com sinais registrados em obras mais atuais, por meio da comparação dos sinais da LSF com os sinais registrados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos (Capovilla, Raphael, Temoteo, Martins, 2017).

Referências

- BATTISON, R. *Phonological Deletion in American Sign Language*. Sign Language Studies, Washington, D.C., v. 5, p. 1–19, 1974.
- BÉBIAN, R. A. A. *Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sords-muets*. Paris, France, 1825.
- BELLUGI, U.; KILMA, E. S. *The roots of language in the sign talk of the deaf*. Psychology Today, 6, p. 61-76, 1972.
- CAMPELLO, A. R. *A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI*. Revista Mundo & Letras. José Bonifácio, SP, v. 2, Julho/2011 p. 8 -25.
- CAPOVILLA, F. C. *Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo*. Revista brasileira de educação especial. V. 6, nº 1, 2000, p. 99-116.

- CAPOVILLA, F. C., & CAPOVILLA, A. G. S. *Visão geral do primeiro século de educação de surdos no Brasil: alternância entre oralismo e sinal. Cadernos de Psicopedagogia*, 2005, 4(8), 30-53.
- CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, D., & MACEDO, E. C. *Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos*. São Paulo, SP: Edipusp, 1998.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D., TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos*. 3 v., 2931 p. São Paulo, SP: Edusp, 2017.
- DINIZ, H. G. *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais [dissertação]*. Florianópolis, SC, 2010. 144 p.
- DINIZ, H. G. As relações históricas entre a Língua de Sinais Francesa (LSF), Americana (ASL) e Brasileira (Libras). In: *Um olhar sobre nós surdos: Leituras contemporâneas*. Organizadoras: Gladis Perlim e Marianne Stumpf. Curitiba, PR: Editora CRV, 2012.
- GAMA, Fl. J. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.
- LANE, H. *When the mind hears: A history of the deaf*. New York, Vintage Books, 1989.
- L'ÉPÉE, C. M. A. *L'institution des sourds et muets, par la voie dessignes méthodiques*. Paris, France, 1776.
- LSF *Pisourd Dictionnaire*. <http://www.pisourd.ch/> Acesso: março de 2017.
- MARTINS, A.C. *Lexicografia, Metalexicografia e Natureza Iconicidade da Língua de Sinais Brasileira*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2017.
- MOORES, D. F. *Educating the deaf: Psychology principles and practice* (5th edition). New York, NY: Houghton Mifflin Co, 2001.
- OVIEDO, A. *Vuelta a um hito histórico de la linguística de las lenguas de señas: La mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. Lenguaje*, 2009, 37(2) 293 – 313 (Universidad Del Valle, Cali. ISSN: 0120-3479), 2009.
- PELLISSIER, P. *L'enseignement primaire des sourds-muets mis à laportée de tout le monde de avec une iconographie des signes*. Dupont, Paris, 1856.
- PETERSON, J.; Ilustrações: Judy Ensminger Froenlke. *Comunicando com as mãos*. Editora Shekinah. Piracicaba, São Paulo, 1987.
- SÉMATOS, *Le portail européen des langues de signes*. <http://www.sematos.eu/lsf.html/> Acesso: março de 2017.
- STOKOE, W. C. *Sign language structure: An outline of the visual communication system for the American Deaf*. New York: Buffalo University, 1960.

SOFIATO, C. G. *Do desenho à litografia: A origem da língua brasileira de sinais*. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

SOFIATO, C. G; REILY, L. Dicionários e manuais de língua de sinais: Análise crítica de imagens. In: LACERDA, C.B.F., SANTOS, L. F. (Orgs.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos, SP: Edufscar, 2018. p. 149 – p. 161.

SUTTON, V. *Sutton SignWriting*. Disponível em: <https://www.valeriesutton.org/>

TEMOTEO, J. G. *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2012.

ZESHAN, Ulrike. Sign Languages. In: DRYER, Mattheus; HASPELMATH, Martin (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropololy, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/s9>.